

Outros Tempos, vol. 20, n. 36, 2023, p. 378-384. ISSN: 1808-8031

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v20i36.1083>

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; MONTEIRO, Livia Nascimento (org.). *Gênero, sexualidades e relações étnico-raciais: um guia para o ensino*. Alfenas, MG: Universidade Federal de Alfenas, 2021.

UM OLHAR SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADES E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO¹

A LOOK AT GENDER, SEXUALITIES AND ETHNIC-RACIAL RELATIONS IN EDUCATION

UNA MIRADA SOBRE EL GÉNERO, LA SEXUALIDADES Y LAS RELACIONES ÉTNICO-RACIALES EN LA EDUCACIÓN

MARY ANGÉLICA COSTA TOURINHO

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4951-5286>

Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Professora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA/UESPI

Teresina/Piauí/Brasil

mary.angelica@phb.uespi.br

O livro organizado por Marta Rovai e Livia Monteiro (2021), como o subtítulo aponta, é um guia mais do que necessário para visibilizar mulheres de diversas feições, etnias, bem como o conceito de gênero, os feminismos e as relações étnico-raciais na escola. Com formato atrativo, conta com esmerada ilustração² e linguagem acessível, em que as autoras colocam em prática a proposta de uma história engajada e acessível. As imagens, além de um efeito estético, integram-se a uma finalidade pedagógica.

De modo bastante pedagógico, também apresenta três debates e temáticas que atravessam o conhecimento histórico na atualidade: História Pública, pensamento decolonial e questões de gênero, não necessariamente apresentadas nessa ordem, visto que os assuntos se entrelaçam ao longo do livro.

Sobre o primeiro ponto, já abordado pelas duas autoras em outros trabalhos, é corroborada a ideia da história pública como uma prática que torna a historiografia acessível, utilizando-se de espaços públicos de guarda de memória, bem como de meios e tecnologias de comunicação, que estão disponíveis, a favor da “[...] inclusão de diferentes públicos nos processos de criação e divulgação do conhecimento histórico

¹ Resenha submetida à avaliação em janeiro de 2023 e aprovado para publicação em maio de 2023.

² Gabriel Donizetti Ferreira Simionato.

Outros Tempos, vol. 20, n. 36, 2023, p. 378-384. ISSN: 1808-8031

[...]”. (ROVAI; MONTEIRO, 2020, p. 209). O uso de novas tecnologias e redes sociais, que possibilitem a disseminação desses conhecimentos, aparece como uma necessidade – algo que deve ser utilizado a integrar o aprendizado de professores e professoras, possibilitando a disseminação e produção de conhecimento.

O pensamento decolonial se apresenta de modo mais evidente no recorte étnico-racial e de questionamento de uma História eurocentrada, que traz, por meio de narrativas, silenciamentos e epistemicídio de culturas, mulheres intelectuais e ativistas negras e indígenas, deixando claro a proposta de evidenciar múltiplos passados e presentes.

E o terceiro ponto, mais apontado no título, no prefácio, na apresentação e no desenvolvimento da obra, trata das questões de gênero, assunto premente nas escolas. Desse modo, como consta em um prefácio esclarecedor: “Os discursos que desqualificam o gênero nas escolas apoiam-se justamente no estabelecimento de sentidos e definições distorcidas para o termo, bem como para suas finalidades na prática docente” (ROVAI; MONTEIRO, 2020, p. 12). Apesar da divisão aqui disposta, fica claro que os conteúdos não estão partidos e delimitados. Enredam-se como um imperativo de sanidade social. Sobre esse entrelaçar militante necessário, as autoras advertem o seguinte:

Os movimentos sociais e identitários que ganharam força nas últimas décadas, envolvendo pessoas e coletivos negros, LGBTQIA+, indígenas e feministas (em suas interseccionalidades), atravessaram a escola, a ciência e o ensino de História com suas demandas por visibilidade e reconhecimento de suas presenças e vozes contra certas amnésias da sociedade (ROVAI; MONTEIRO, 2020, p. 17).

Cabe destacar que os assuntos que estruturam a obra merecem uma primorosa abordagem didática, no sentido de auxiliarem professores/as a romper com protagonismos de personagens brancos e heteronormativos.

Na apresentação, consta o esclarecimento sobre a contribuição de discentes, resultando em uma obra coletiva, produzida durante a pandemia da Covid-19, em 2021, momento em que, segundo levantamento de diversas instituições, foi registrado um grande aumento dos casos de violência de gênero (AGGENTOSS; BORDON, 2020) – fruto dos debates desenvolvidos pelo Grupo de Trabalho Gênero e Sexualidades no Ensino de História da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG), sob a coordenação das duas autoras. Além do flagelo sanitário, destaca-se também à onda conservadora, ou movimento reativo, que se utiliza habilmente de meios de divulgação, tentando minar

Outros Tempos, vol. 20, n. 36, 2023, p. 378-384. ISSN: 1808-8031

pautas que avançam no sentido de minimizar violências que fragilizam e matam mulheres, negros/as e o público LGBTQIA+.

O livro se organiza em duas partes: um amplo glossário com conceitos fundamentais no trato das questões de gênero, com minibiografias de ativistas/intelectuais de diversos países e etnias que partilharam e partilham as lutas em favor das mulheres, do movimento de mulheres negras, indígenas e do público LGBTQIA+; e propostas didáticas, que as autoras denominam, “para inspirar”, abrindo um leque de possibilidades de trabalho com museus, iconografias, oficinas, indicações bibliográficas e audiovisuais, a serem trabalhadas, principalmente, mas não exclusivamente, no ambiente escolar.

Como se trata de um guia, na primeira parte, as autoras procuram trazer as palavras como conceitos na observância epistemológica, devidamente fundamentados, ressaltando as referências nos moldes que uma pesquisa deve ser apresentada. Como pensam em alcançar um público amplo, a obra também é pedagógica no sentido dialógico, crítico e reflexivo (FREIRE, 2013), pois, aponta os caminhos para se utilizar um conceito encampando as regras organizadas para a validação de tal conhecimento, tanto no espaço escolar quanto além dele.

As minibiografias, que seguem ordem alfabética, assim como os conceitos, colocam, em destaque, formação e contribuições, deixando clara a necessidade de outras pesquisas, caso haja o interesse específico por alguma das biografadas. Os conceitos trabalhados nos ajudam a explicar as assimetrias que atravessam a sociedade, a quebra de paradigmas, a produção bibliográfica e os ativismos que contribuíram para a organização de movimentos sociais identificados com as causas feministas, compondo as informações sobre as mulheres presentes no guia.

Como artifício de visibilidade, investigação e leitura do livro, trazemos os nomes de mulheres que as autoras consideram representativas da diversidade e dos contributos em favor da luta por um mundo com corpos e identidades plurais: Alexandra Kollontai, Angela Davis, Beatriz Nascimento, Bell Hooks, Betty Friedan, Chimamanda Adichie, Djamila Ribeiro, Donna Haraway, Gayatri Spivak, Guacira Louro, Heleieth Saffioti, Jaqueline de Jesus, Joan Scott, Joana Maria Pedro, Judith Butler, Julieta Paredes, Kimberlé Crenshaw, Lélia Gonzalez, Letícia Nascimento, María Lugones, Marie Olympe de Gouges, Megg Rayara, Michelle Perrot, Nancy Fraser,

Outros Tempos, vol. 20, n. 36, 2023, p. 378-384. ISSN: 1808-8031

Oyèrónke Oyewùmí, Patricia Hill Collins, Rachel Soihet, Silvia Federici, Simone de Beauvoir, Sueli Carneiro, Teresa de Lauretis.

Cabe também considerar a diversidade de conceitos que se conectam conferindo sentido à causa da história pública, do pensamento decolonial e dos feminismos³ em sua pluralidade e interseccionalidade, o que nos remete a pensar acerca das lutas de sujeitos sociais múltiplos.

Na segunda parte do livro, as autoras ligam as propostas pedagógicas ao glossário, com a seguinte justificativa:

Não pretendemos que o Glossário seja apenas uma reunião de terminologias e informações, mas que inspirem ideias que se transformem em práticas de ensino com maior suporte teórico. As oficinas e recursos sugeridos são apenas possibilidades para serem desenvolvidas no âmbito escolar com o intuito de trabalhar as temáticas relacionadas a Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-Raciais no ensino de História, sem a pretensão de serem receitas (ROVAI; MONTEIRO, 2020, p. 130).

A autoras trazem metodologias, epistemologias e procedimentos didáticos aplicáveis ao espaço escolar, que tornam possível a utilização dos conceitos e contribuições advindos de mobilizações e elaborações teóricas de mulheres, no longo processo de lutas e reivindicações em favor de uma sociedade na qual o acesso aos direitos fundamentais, à dignidade e às oportunidades não seja suplantado ou invisibilizado por conta das identidades dos sujeitos históricos aqui abordados.

As orientações do guia se encaminham para a ideia de que conhecimentos devem gerar outros conhecimentos históricos e que a sala de aula, em qualquer dimensão, é lugar de construção de saberes, sendo necessário encontrar chaves que libertem a potência criativa e transformadora, trazendo reflexões fundamentadas a respeito de questões que tolhem diversos sujeitos não percebidos ou que não se percebem como capazes, por conta das muitas interdições e violências naturalizadas historicamente.

No tópico um, da segunda parte, intitulada como *Museus e acervo*, espaços de patrimônio e memória, o nosso olhar é orientado para o que foi silenciado. Grupos subalternizados, os quais, na disputa pela institucionalização da memória, não mereceram uma ode, a exemplo da comunidade LGBTQIA+. Apesar dessa carência,

³ Feminismo comunitário, decolonial, ecológico (ecofeminismo), indígena, liberal/reformista, marxista, negro e radical.

Outros Tempos, vol. 20, n. 36, 2023, p. 378-384. ISSN: 1808-8031

são apresentadas instituições em que é possível o acesso a essa parte da memória, a exemplo do Museu da Pessoa, onde:

A partir de 2014, foram desenvolvidos projetos e ações a fim de construir acervos sobre a sexualidade, por meio da publicização de histórias de pessoas transexuais, homossexuais e bissexuais no projeto denominado TransHistórias. Esse projeto foi realizado em parceria com o Instituto Cultural Barong e as entrevistas são disponibilizadas em forma de textos escritos, vídeos e, em alguns casos, fotos (ROVAI; MONTEIRO, 2020, p. 138).

Além do Museu do Som, outras instituições assumem relevo no livro: o Museu da Diversidade Sexual (MDS), criado em 2012; o Museu Travesti do Peru (ou Museo Travesti del Perú) – itinerante organizado por Giuseppe Campuzano, filósofo, artista e drag queen desde o ano de 2003; o Centro de referência da História LGBTQI+ do Rio Grande do Sul (Close), formado no ano de 2019; o Instituto Cultura Arte e Memória LGBT, criado pela organização da sociedade civil, em Brasília, o qual integra a Rede LGBT+ de Memória e Museologia Social.

Conhecer esses acervos e museus, visitá-los ou acessá-los virtualmente, desenvolver atividades nos espaços educativos amplia: “[...] a visão sobre a história e o reconhecimento identitário dos diversos grupos comumente estigmatizados” (ROVAI; MONTEIRO, 2020, p.137).

No tópico dois, algumas oficinas voltadas para o ensino médio são propostas. A primeira se volta para as questões de gênero, iniciando-se com um glossário –imperativo tanto para mudanças de olhares e comportamentos quanto para o letramento de gênero e racial; A segunda trata sobre os feminismos. E, por último, as interseccionalidades, que atentam para as complexas assimetrias que a raça, a classe e o gênero podem gerar. Por ser um guia, não deve ser lido, entretanto, como uma receita, havendo a necessidade de adaptações inerentes ao contexto de cada lugar em que tais debates são encetados.

No último tópico da segunda parte, *Minibiografias de mulheres negras, LGBTQIA+ e indígenas na sala de aula*, temos exemplos de como a interseccionalidade, o patriarcado e os silenciamentos se cruzam, por meio da sugestão de atividades que ajudam na superação de um longo processo que culmina muitas vezes no assassinato de corpos e memórias de grupos que historicamente, são as maiores vítimas de violência no Brasil.

Outros Tempos, vol. 20, n. 36, 2023, p. 378-384. ISSN: 1808-8031

Rovai e Monteiro (2020) argumentam sobre a necessidade de evidenciar trajetórias de mulheres, intelectuais, cientistas, escritoras, poetisas atuantes na política, na cultura, na educação, na mídia e na literatura –enfim, ativistas que lutam contra estruturas de exclusão e opressão nesses segmentos, construindo representatividades que auxiliem na quebra de modelos sociais estruturalmente racistas e sexistas.

Seguindo a lógica da representatividade, mais mulheres identificadas com a luta indígena, negra e LGBTQIA+, além das elencadas anteriormente, são citadas e biografadas: Aline Pachamama, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Eliane Potiguar, Graça Graúna, Jenyffer, Jurema, Megg Rayara, Paulina Chiziane, Sônia Guajajara, Xica Manicongo (ROVAI; MONTEIRO, 2020). Todas são apresentadas como símbolos de uma luta que tanto podem inspirar como permitir que os olhares da comunidade possam se voltar para outras personagens presentes no cotidiano de alunos e professores/as, os quais se levantam contra desigualdades e violências que tolhem a potência criadora do mundo.

Nesse sentido, são desdobradas questões ainda polêmicas para grandes contingentes sociais, que costumam estar eivadas de visões preconceituosas, de modo compreensível e atrativa, trazendo à baila a necessidade de se abordar essas temáticas nas escolas e outros espaços de aprendizagem e sociabilidade. A obra tem a competência ainda de apresentá-las na forma de um guia nos meandros de uma História pública, sem dúvida, uma ação posicionada, que busca caminhos para um exercício intelectual e democrático, elementos fundamentais para uma educação crítica e libertadora (FREIRE, 2013).

O livro, que parece simples, na verdade põe em prática conceitos voltados à defesa de um conhecimento elaborado a partir das ferramentas que lhe são próprias, algo que pode, de fato, ser compartilhado por diferentes públicos. Igualmente, pensa e questiona as estruturas de ordenamento dos poderes, acreditando nos diversos sujeitos sociais como produtores de saberes, os quais precisam ser conhecidos e compartilhados.

Referências

Bibliografia

AGGENSTOSS, Grazielly Alessandra; POVALA LI, Letícia; BORDON, Lucely Ginani. Violência contra mulheres e a Pandemia do Covid-19: insuficiência de dados oficiais e de respostas do Estado Brasileiro. *RDP*, v. 17, n. 94, p. 336-363, jul./ago. 2020. Disponível em:

Outros Tempos, vol. 20, n. 36, 2023, p. 378-384. ISSN: 1808-8031

<https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/4409/Baggenstoss%3B%20Li%3B%20Bordon%2C%202020>. Acesso em: 8 maio 2023.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; MONTEIRO, Lívia Nascimento. História das mulheres e história pública: desafios e potencialidades de um ensino posicionado. *REHR*, v. 14, n. 27, p. 206-230, jan./ jun. 2020.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; MONTEIRO, Lívia Nascimento (org.). *Gênero, sexualidades e relações étnico-raciais: um guia para o Ensino*. Alfenas, MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2021.